

Introdução

O café é a segunda commodity mais negociada do mundo e a terceira bebida mais consumida do planeta. É também o eixo central da economia do agronegócio capixaba. Este relatório reúne os dados, análises e perspectivas sobre o mercado do café, do histórico global à atualidade local, em um momento de inflexão raro, em que um ciclo histórico de preços cede espaço a uma nova fase de oferta abundante e reposicionamento estratégico.

Ricardo Frizera

Diretor de Research
frizerar@apexpartners.com.br

Rafael Andaku

Diretor de Research
andakur@apexpartners.com.br

Orlando Caliman

Diretor Econômico
calimano@apexpartners.com.br

Lucas Schuller

Especialista Econômico
schullerl@apexpartners.com.br

André Bortolini

Analista Econômico
bortolinia@apexpartners.com.br

Principais Destaques

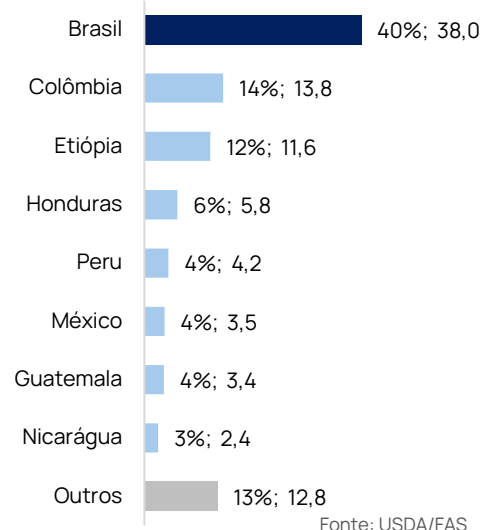
- O mercado global de café atravessa um ponto de inflexão: após dois anos consecutivos de déficit de oferta que elevaram os preços a máximas históricas, a safra 2026/27 se apresenta como um ciclo de forte recuperação da oferta, com superávit estimado em cerca de 10 milhões de sacas, o que tende a pressionar as cotações para baixo ao longo do segundo semestre de 2026.
- As exportações brasileiras alcançaram US\$ 16,1 bilhões em 2025 (+31%), ainda que o volume exportado tenha recuado 17,6% para 39,4 milhões de sacas, refletindo os preços extraordinários do período. A queda de preços em curso tende a reverter parcialmente essa dinâmica em 2026.
- O Espírito Santo mantém liderança na produção de conilon e posição de destaque no solúvel, com exportações do segmento superando US\$ 216 milhões em 2025 (+28%). A produtividade capixaba dobrou na última década, consolidando um diferencial competitivo estrutural.
- A demanda global demonstra resiliência, mas apresenta pressões pontuais. A inflação do café ao consumidor, que atingiu patamares históricos em 2025, tende a desacelerar com a queda das cotações internacionais. Em contraponto, tensões no contexto geopolítico, como os conflitos no Golfo Pérsico, pressionam os custos de fretes, insumos e o câmbio, evidenciando a necessidade de diversificação.
- A China emerge como o principal vetor de crescimento da demanda de longo prazo, com importações crescendo a uma taxa composta anual de aproximadamente 18% desde 2002. Este movimento estrutural de crescimento da renda e ocidentalização dos hábitos de consumo representa o mais relevante fenômeno de expansão de mercado no setor nas últimas décadas.

Mercado global: estrutura e dinâmica

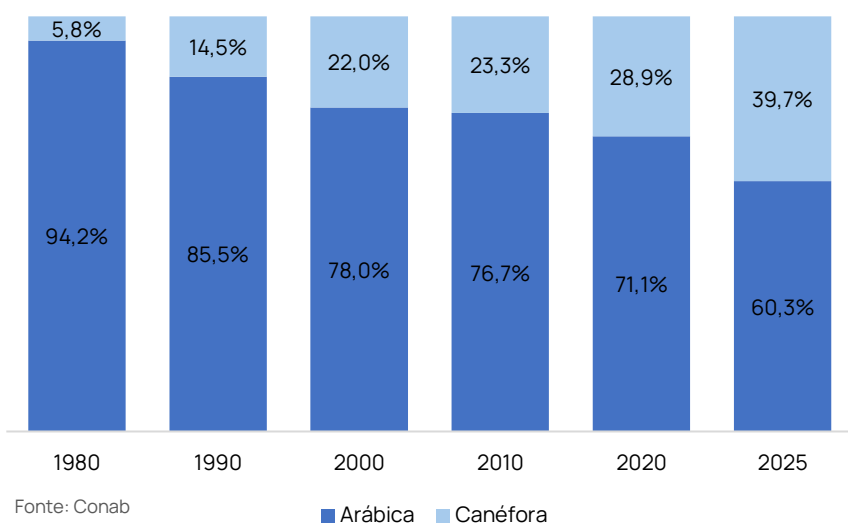
Produção Mundial: A Ascensão Estrutural da Canéfora

O café é cultivado em mais de 80 países, mas a produção mundial concentra-se em poucos protagonistas. O Brasil, líder absoluto, responde por cerca de 35-38% do volume global, seguido por Vietnã, Indonésia, Colômbia e Etiópia. Ao longo das últimas duas décadas, observou-se uma transformação estrutural na composição da oferta: o canéfora ganhou espaço de forma consistente, passando de 32,9% do total em 2002/03 para 46,6% estimado em 2025/26, crescendo a uma taxa composta anual de 3,1%, contra apenas 0,5% ao ano da arábica no mesmo período. No Brasil essa tendência foi ainda mais aguda, com participação do canéfora subindo de 5,8% em 1980 para 39,7% em 2025, com grande contribuição do Espírito Santo no processo.

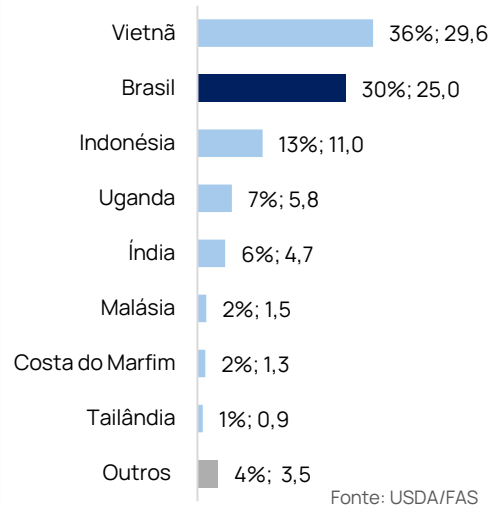
Café Grãos (Arábica): Produção (participação; mi de sacas; 2025)



Divisão da produção nacional de café



Café Grãos Canéfora: Produção (participação; mi sacas; 2025)



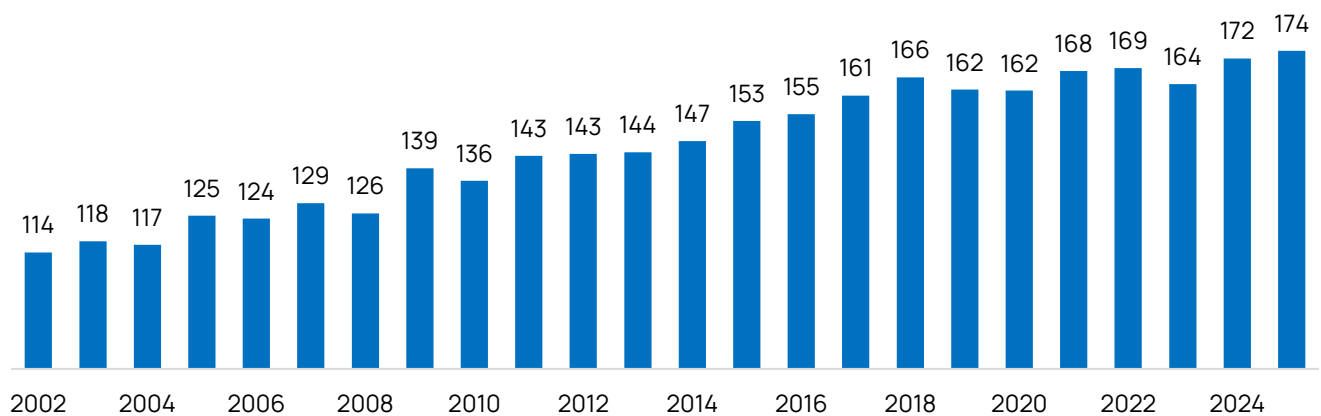
Esse fenômeno não é acidental. A canéfora apresenta maior tolerância a temperaturas elevadas, menor altitude de cultivo, maior produtividade por hectare e custo de produção estruturalmente inferior. Em um contexto de mudanças climáticas que pressionam as regiões tradicionais de arábica e de crescente penetração do café solúvel e de bebidas ready-to-drink nos mercados emergentes, a demanda por canéfora tende a se manter robusta no longo prazo.

A bienalidade do café arábica é o principal fator explicativo da volatilidade do mercado no curto e médio prazo. No caso brasileiro, a correlação entre produção e exportações de arábica ao longo de 24 anos alcança 0,77, enquanto o conilon, com comportamento produtivo mais estável, apresenta correlação de apenas 0,30 entre produção e exportação.

Consumo Global: Resiliência e Novos Mercados

O consumo global de café exibe notável resiliência histórica, com expansão composta de cerca de 1,8% ao ano no século, acima do crescimento de 1,1% ao ano da população global no mesmo período. Essa diferença comprova que a expansão da demanda não ocorreu só com o crescimento demográfico, mas com mudanças de hábitos de consumo, com cada vez mais pessoas se tornando consumidoras da bebida. A demanda é sustentada por duas dinâmicas complementares: a maturidade dos mercados tradicionais - Europa Ocidental, Estados Unidos e Japão - e a aceleração dos mercados emergentes, com destaque para China, Índia e os países do Sudeste Asiático.

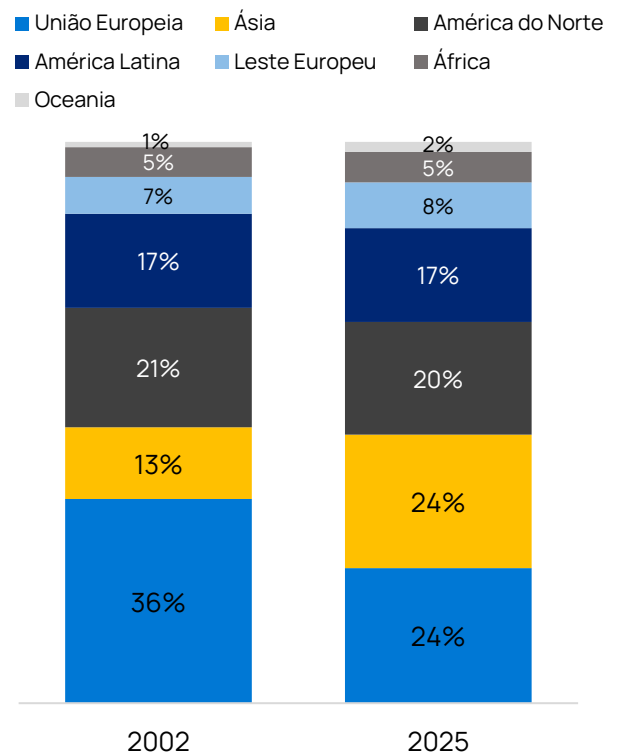
Consumo global de café (milhões de sacas)



Fontes: USDA/FAS

A China se destaca como o maior vetor de crescimento estrutural da demanda global. As importações chinesas de café cresceram de aproximadamente 131 mil sacas em 2002/03 para mais de 6 milhões de sacas em 2024/25, o que representa uma taxa composta anual de aproximadamente 18%. Esse movimento é impulsionado por urbanização acelerada, ocidentalização dos hábitos de consumo e surgimento de uma cadeia de cafeterias locais de escala expressiva. Trata-se do mais relevante fenômeno de criação de demanda no setor em décadas, e ainda nas fases iniciais de sua maturação, dado que o consumo per capita chinês permanece uma fração do observado em mercados maduros, tema que será mais bem abordado no capítulo 6.

Consumo global de café (% do total)

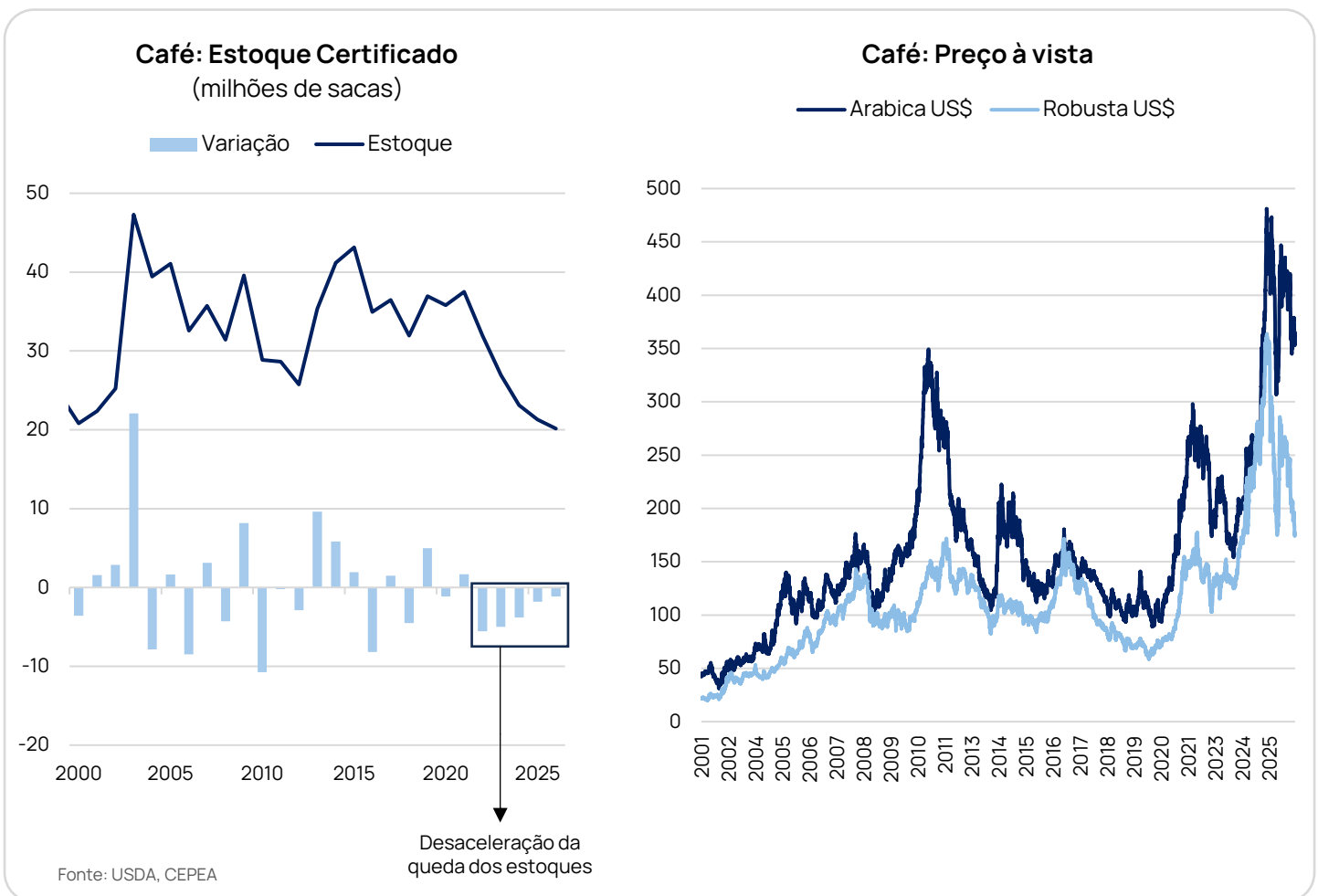


Fonte: USDA/FAS

Balço de Oferta e Demanda: O Ciclo de Correção em 2026

Após dois anos consecutivos de déficit global que contribuíram para a elevação das cotações a máximas históricas, o balanço de oferta e demanda de 2026/27 aponta para um superávit expressivo. A StoneX e a CoffeeNetwork, em relatório de 2 de abril de 2026, revisaram o superávit estimado para 2025 para aproximadamente 1,8 milhão de sacas e projetam um excedente de cerca de 10 milhões de sacas para 2026. Esse resultado deriva principalmente da recuperação da safra brasileira e de projeções positivas para Vietnã e Indonésia.

A relação estoques/uso global, indicador de conforto de abastecimento, deve recuperar-se para 28% em 2026, o maior nível desde 2022, após período de acentuado aperto. Ainda assim, a distribuição geográfica dos estoques permanecerá assimétrica: a recomposição deve se concentrar nas origens produtoras, sobretudo no Brasil, enquanto os estoques nas regiões consumidoras como Europa, Estados Unidos e Japão devem permanecer abaixo das médias históricas durante a maior parte do ano. Essa distribuição desigual implica que, mesmo em cenário de superávit global, a percepção de aperto pode persistir em determinados mercados.

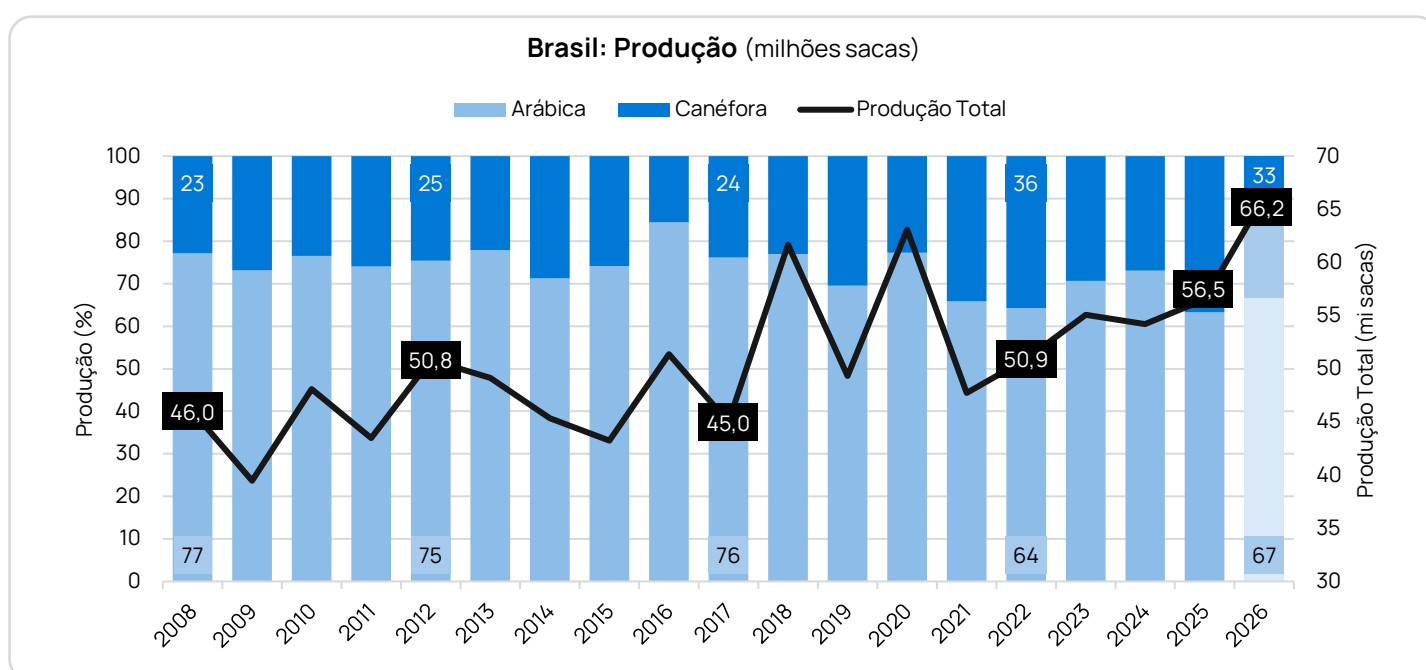
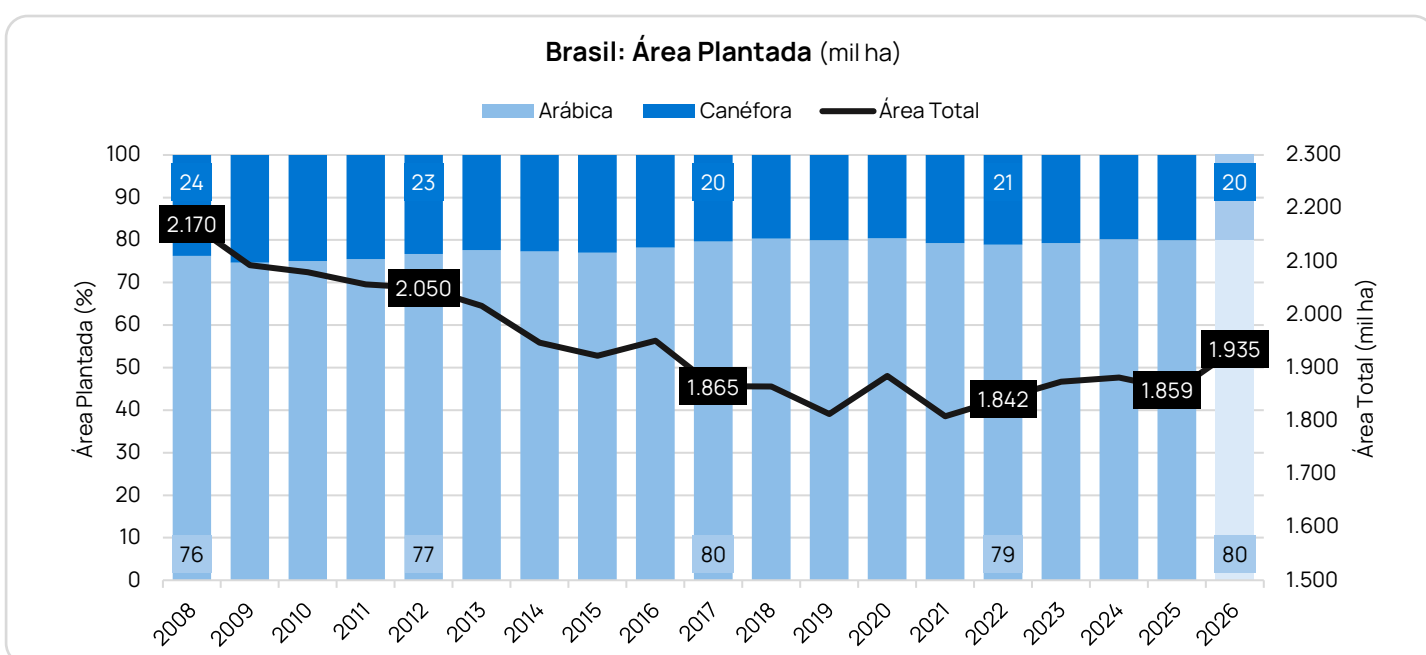


Brasil: protagonismo na oferta global

A Safra 2026: Bienalidade e Recorde de Produção

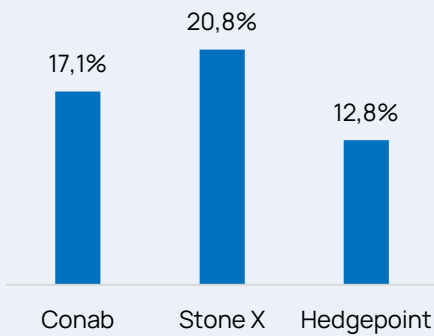
O Brasil é o maior produtor e exportador de café do mundo, posição consolidada ao longo de décadas por uma combinação de extensão territorial, diversidade de regiões produtoras, desenvolvimento tecnológico e avanços na gestão agrônômica.

A safra 2026/27 apresenta-se como um ciclo fortemente positivo. Projeções apontam para produção de arábica de 50,2 milhões de sacas, alta de 37,5% em relação ao ciclo anterior, e expectativa de produção de conilon em torno de 25,1 milhões de sacas, elevando a produção total brasileira para aproximadamente 75 milhões de sacas, o que representaria novo recorde histórico.



Brasil: Projeção Safra

(aumento na produção da safra 2026/27 vs. safra anterior)



Rabobank (Mundo): + 4,7%

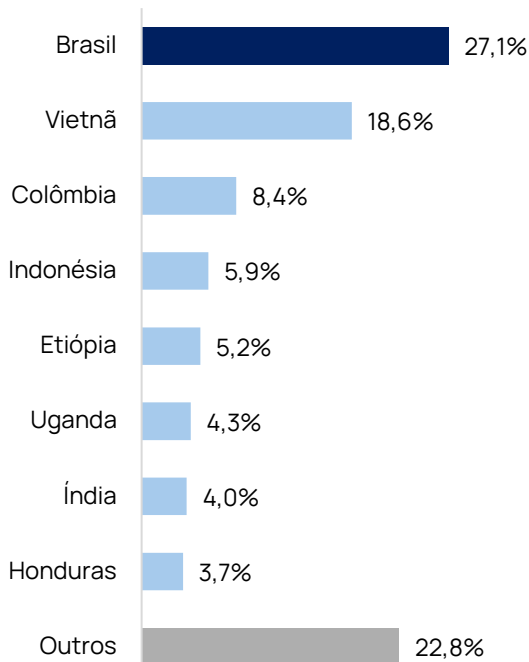
O desempenho projetado para 2026 não é apenas o reflexo cíclico da bialidade positiva do arábica: ele se assenta em uma base estrutural construída ao longo de décadas. O Brasil expandiu sua produção de forma consistente mesmo em períodos de área plantada estável ou em leve retração, resultado de ganhos expressivos de produtividade por hectare sustentados por irrigação, melhoramento genético e adoção tecnológica crescente no campo. Hoje, com a área voltando a se expandir em novas fronteiras e a produtividade ainda em trajetória ascendente, o país reúne os dois vetores de crescimento simultaneamente, o que reforça sua posição como principal pilar da oferta global nos próximos ciclos.

Exportações: Crescimento em Valor, Queda em Volume

As exportações brasileiras de café alcançaram US\$ 16,1 bilhões em 2025, crescimento de 31% sobre o ano anterior, configurando recorde histórico em termos de receita. Em volume, contudo, foram exportados 39,4 milhões de sacas, retração de 17,6% em relação a 2024. Essa aparente contradição reflete a dinâmica dos preços excepcionalmente elevados que vigoraram durante a maior parte de 2025, que elevaram a receita mesmo com menor quantidade embarcada.

Café Grãos: Exportação

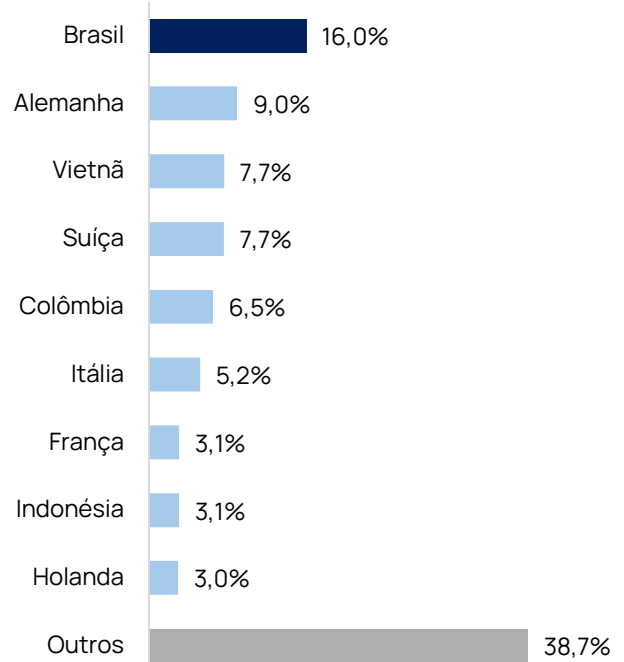
(Participação no volume total de sacas; 2025)



Fontes: Comexstat, USDA e UN Comtrade

Café Total: Exportação

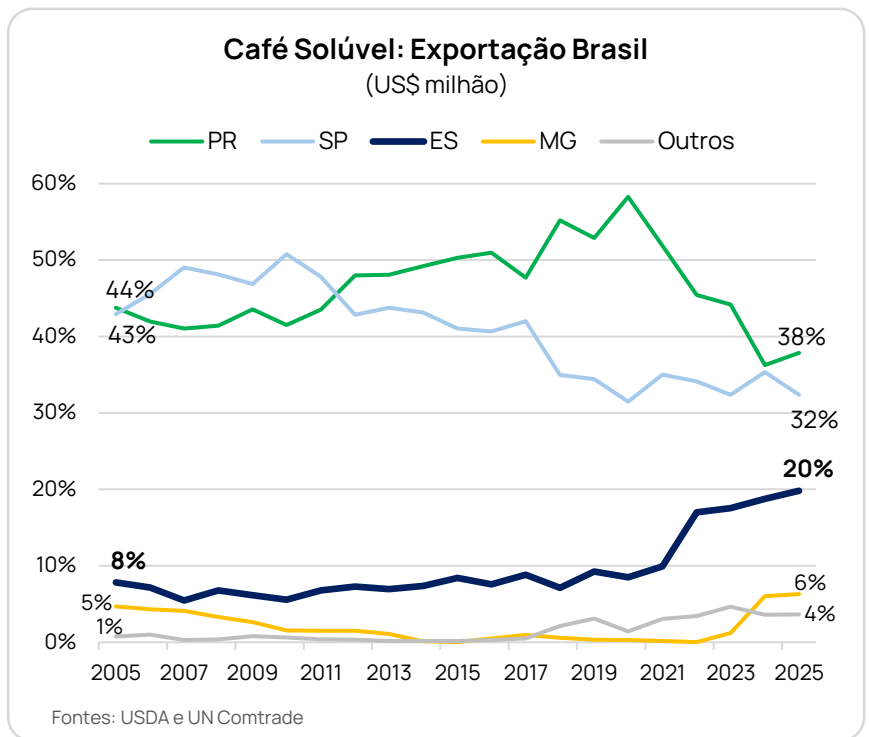
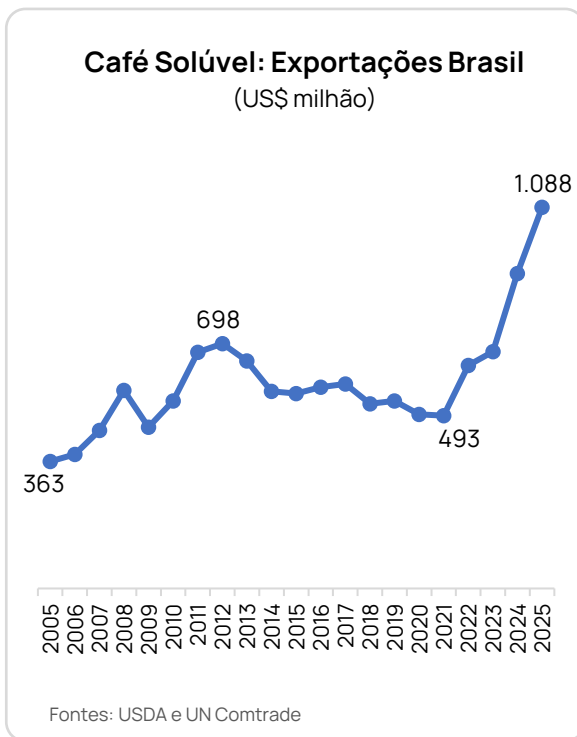
(Participação no valor total comercializado; 2023)



Fontes: Comexstat, USDA e UN Comtrade

Um fenômeno revelador do mapa exportador de café: quando se considera apenas o café em grão verde, os grandes exportadores são, como esperado, os países produtores: Brasil, Vietnã, Colômbia. Mas quando você abre para exportação total de café, incluindo solúvel, torrado, descafeinado, extratos, o mapa muda completamente. Alemanha, Suíça, Itália entram entre os maiores exportadores mundiais. Países que não plantam um pé de café, mas que industrializam, processam e agregam valor à cadeia. Esse fenômeno ilustra onde está concentrada a margem: não na origem, mas no processamento e na marca. A pergunta estratégica para o Brasil, e para o Espírito Santo em particular, é exatamente essa: quanto dessa margem de industrialização e marca conseguimos reter?

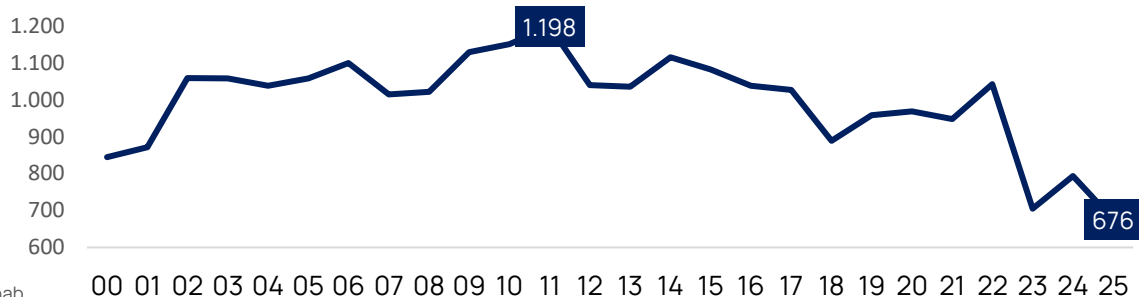
A pauta exportadora apresenta crescente diversificação e agregação de valor. O café solúvel, segmento em que o Brasil ocupa posição de liderança global, responde por parcela significativa da receita e vem se valorizando em relação ao verde. O Espírito Santo, polo solúvel nacional, exportou mais de US\$ 216 milhões no segmento em 2025 (+28%), refletindo tanto a valorização dos preços quanto a capacidade instalada da indústria capixaba de processamento do conilon.



No plano da diversificação geográfica, o episódio das sobretaxas impostas pelos Estados Unidos sobre produtos importados, que incidiram diretamente sobre o café solúvel brasileiro, ainda que posteriormente revertido, evidenciou um risco estrutural: a concentração excessiva das exportações em um único mercado. A experiência acelerou o processo de prospecção do mercado asiático como destino alternativo e estratégico, tendência que deverá se consolidar nos próximos anos.

A concentração do mercado exportador, medida pelo Índice Herfindahl-Hirschman (HHI), atingiu o menor patamar desde 1997 em 2025, indicando que a diversificação de destinos avançou de forma consistente na última década. Esse movimento reduz a vulnerabilidade do setor a choques específicos em mercados individuais.

Índice HHI - Concentração de mercado das exportações brasileiras



Fonte: Conab

ESPÍRITO SANTO: POLO CAFEIRO NACIONAL

Liderança no Conilon e no Solúvel

O Espírito Santo ocupa posição singular no mapa cafeeiro brasileiro: é o maior produtor de conilon do país, o maior expoente nacional do café solúvel industrializado e o segundo maior estado exportador de café, em disputa direta com São Paulo. Essa concentração de atividades na mesma cadeia confere à economia capixaba um grau de integração vertical incomum e um multiplicador econômico expressivo para o setor.

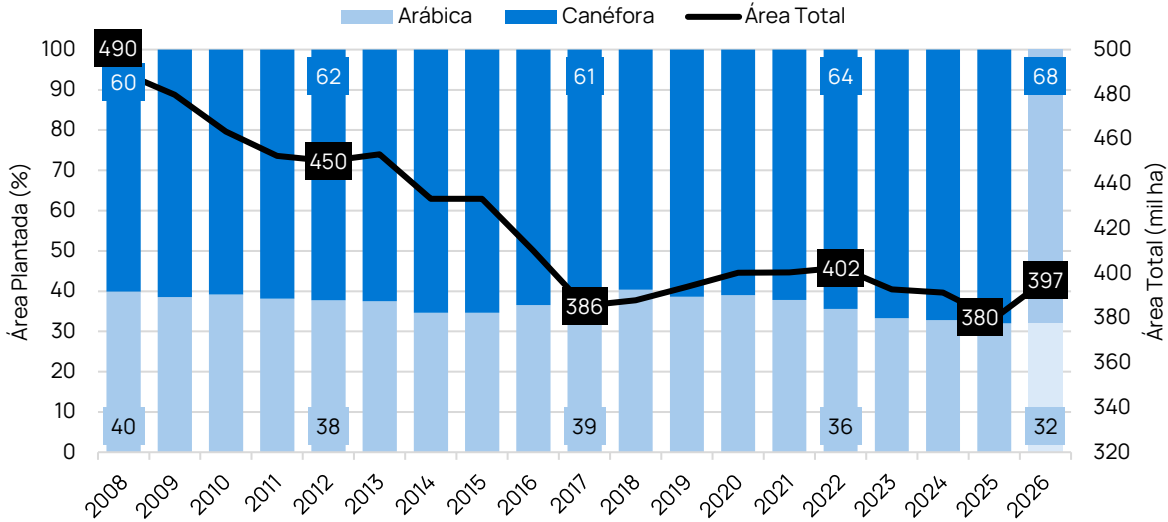
A produção de conilon no Espírito Santo é caracterizada pela predominância de médias propriedades, alto nível de organização associativa e cooperativa, e adoção tecnológica elevada para os padrões da canéfora global. O estado concentra a maior parte da pesquisa agrônômica nacional sobre a espécie, com programas de desenvolvimento de cultivares que resultaram em variedades com produtividade superior e maior resistência a variações climáticas.

A Transformação Produtiva da Última Década

Entre os fenômenos mais notáveis da cafeicultura capixaba recente está o avanço expressivo de produtividade sem ampliação proporcional da área cultivada. Em dez anos, o Espírito Santo praticamente dobrou o volume de café produzido por hectare em produção, resultado de um processo deliberado de intensificação tecnológica que incluiu irrigação, adensamento, manejo nutricional sofisticado e substituição de lavouras envelhecidas por variedades clonais de alto rendimento. Esse diferencial de produtividade é fundamental para a competitividade do produtor capixaba em um cenário de queda de preços.

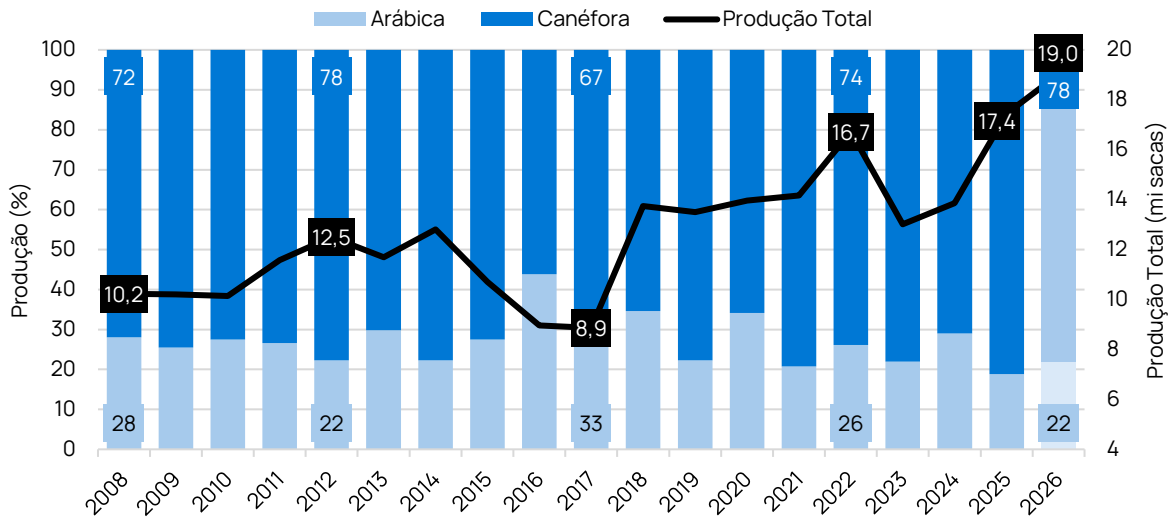
A capacidade de manutenção dos programas nutricionais (fertilizantes, micronutrientes, matéria orgânica) é frequentemente apontada como variável crítica para a sustentação da produtividade em cenários de pressão de custos. As perdas de produtividade decorrentes de falhas no manejo nutricional superam, em magnitude, as oscilações de preço dos insumos em períodos normais. A lavoura de conilon, em especial, não recupera produtividade comprometida em um único ciclo, exigindo dois a três anos para normalização, argumento que reforça a racionalidade econômica de manter os investimentos agrônômicos mesmo em conjunturas de preços deprimidos.

ES: Área Plantada (mil ha)



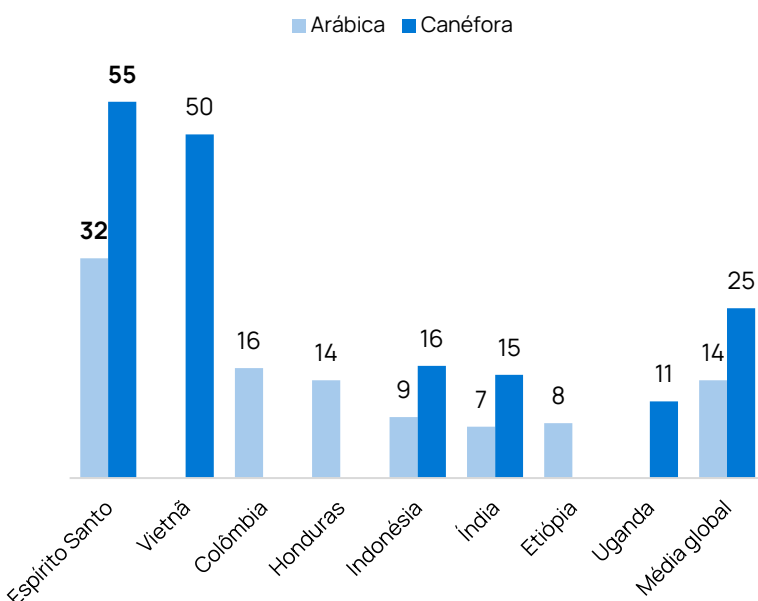
ES (2025)
20% do Brasil

ES: Produção (milhões sacas)

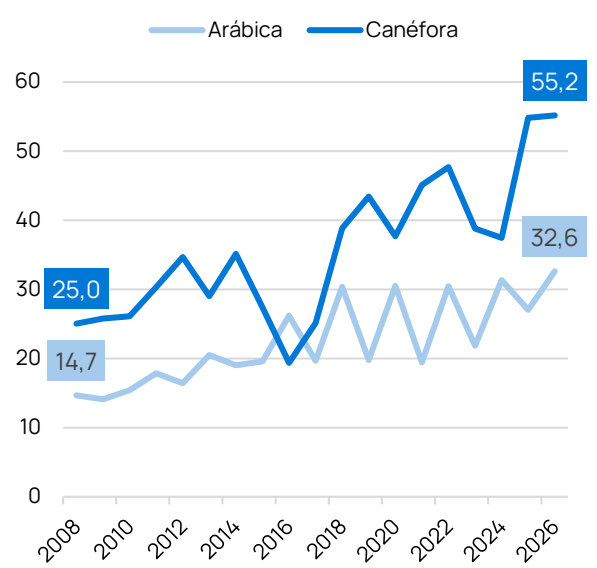


ES (2025)
31% do Brasil

Produtividade (sacas/ha)



ES: Produtividade (sacas/ha)



Linhares e o Agrossistema Capixaba

O norte do ES, em especial Linhares, consolidou-se como o principal hub logístico e comercial da cafeicultura capixaba, abrigando unidades de beneficiamento, armazéns de exportação, trading companies e indústrias de processamento. A cidade exemplifica o fenômeno de aglomeração produtiva no agronegócio: a presença de infraestrutura especializada atrai novos investimentos que, por sua vez, reforçam a competitividade do cluster como um todo. A instalação de unidades solúveis e a proximidade com o Porto de Vitória, um dos mais eficientes do Brasil para exportação de grãos, potencializam essa posição.

Investimentos e Expansão Industrial no Espírito Santo

O Espírito Santo vivencia nos anos recentes um ciclo inédito de investimentos no setor cafeeiro. Empresas nacionais e multinacionais anunciaram planos de ampliação ou implantação de capacidade industrial, atraídas pela disponibilidade de matéria-prima (conilon de alta produtividade), pela infraestrutura portuária e pela base industrial já instalada.

Os investimentos anunciados no setor cafeeiro capixaba concentram-se em processamento industrial (solúvel, descafeinado e torrado), reflexo da estratégia de migrar do café como commodity para o café como produto com maior valor agregado.

	Fábrica de café solúvel (Linhares - ES) Inaugurado em 2025 > Investimento R\$ 1 bilhão 300 empregos		Fábrica de café descafeinado (Sooretama - ES) Inaugurado em 2025 R\$ 160 mi 400 mil sacas/ano
	Fábrica de café solúvel (Linhares - ES) Inaugurado em 2021 Capacidade: 12 mil ton/ano		Parceria com o Centro do Comércio de Café de Vitória - Viabilização de gás natural na secagem do café capixaba
	Fábrica de moagem de café (Linhares - ES) R\$ 80 milhões Geração de 150 empregos		Beneficiamento, Armazenagem e Lojas Investimento de R\$ 33 milhões em 2025
	Unidade industrial e de armazenagem (Linhares - ES) Inaugura em 2027 R\$ 55 milhões		Fábrica de cafés especiais (Viana - ES) Investimento de R\$ 20 milhões

Fonte: Anúncios das empresas

Entre 2024 e 2029, o Espírito Santo deve receber R\$ 137,6 bilhões em investimentos públicos e privados, o maior volume da série histórica iniciada em 2000. Linhares concentra parte expressiva dessa produção e abriga um cluster agroindustrial em expansão, com R\$ 4 bilhões em investimentos previstos até 2028.

Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves

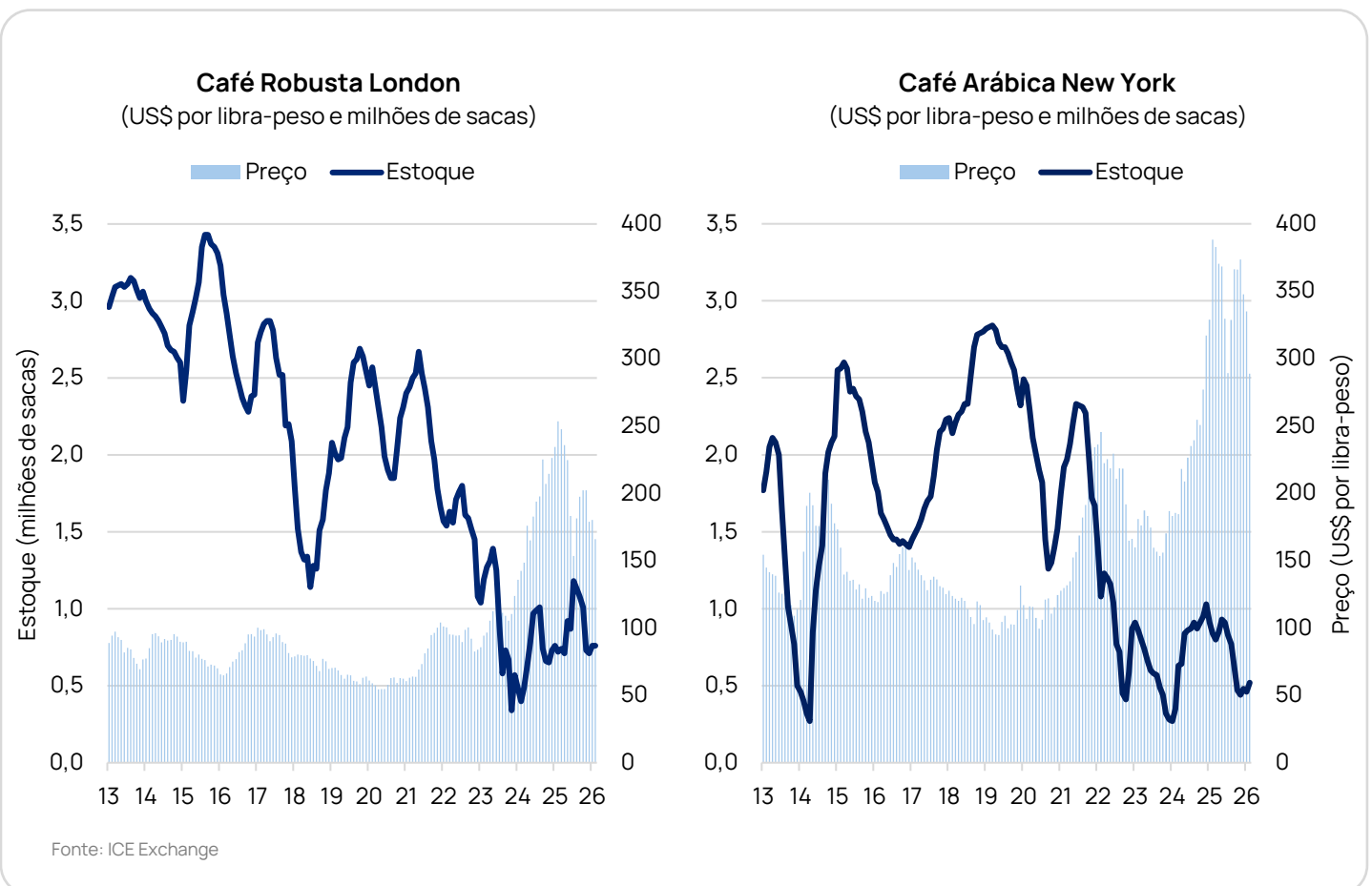
Dinâmica de preços: do pico histórico à correção

O Ciclo de Alta e a Inversão em Curso

O mercado de café viveu em 2024 e 2025 um ciclo de alta excepcional. O contrato de arábica na Bolsa de Nova Iorque (ICE) chegou a US\$ 438/libra-peso, e o robusta em Londres atingiu US\$ 5.700/tonelada, máximas históricas nominais para ambas as variedades. Esse movimento foi desencadeado por uma combinação de fatores convergentes: a bienalidade negativa do arábica brasileiro em 2023/24, o déficit hídrico que reduziu a colheita do conilon no Espírito Santo no mesmo ciclo, o comportamento climático adverso no Vietnã e na Indonésia, e o posicionamento de fundos especulativos que identificaram a tensão de oferta e amplificaram o movimento nas bolsas de Nova Iorque e Londres.

O câmbio atuou como amplificador da receita para o produtor brasileiro: com o dólar a R\$ 6,20 ao final de 2024 e R\$ 5,50 ao final de 2025, o preço interno do conilon atingiu R\$ 1.900/saca no início de 2025, valor sem precedente histórico. A combinação de preço internacional elevado e câmbio depreciado gerou margens excepcionais para quem havia posicionado vendas naquele período.

Desde o início de 2026, observa-se movimento estrutural de correção. Em março de 2026, o conilon cotava a aproximadamente R\$ 950/saca; o arábica operava próximo de US\$ 300/libra em Nova Iorque. O indicador CEPEA do arábica encerrou a semana de 6 de abril a R\$ 1.870/saca (-3,9% na semana).



A mudança na estrutura a termo dos contratos futuros é igualmente reveladora da inversão de tendência. Durante a fase de alta, o mercado operou em *backwardation* pronunciada: os preços dos contratos de curto prazo superavam os de longo prazo, o que incentivou os fundos especulativos a carregar posições compradas com ganho adicional nas rolagens. Com a perspectiva de superávit se materializando para a colheita brasileira de 2026, a curva de futuros tende a se normalizar para uma estrutura *contango* (preços de contratos futuros acima dos de curto prazo), o que penaliza quem mantém posições compradas e desincentiva a especulação altista.

Câmbio e o Efeito sobre a Receita do Produtor

O câmbio é variável de primeira ordem para o resultado financeiro do cafeicultor brasileiro. O real registrou valorização relevante no período recente: de R\$ 6,20/USD em dezembro de 2024 para aproximadamente R\$ 5,00/USD em meados de abril de 2026 - apreciação de cerca de 19,4% em pouco mais de 15 meses. Em um cenário de queda de preço internacional concomitante com valorização cambial, o produtor enfrenta uma "tesoura" de margens: recebe menos dólares por saca e cada dólar vale menos em reais.

Esse contexto reforça a relevância de instrumentos de gestão de risco cambial: *Non-Deliverable Forwards* (NDFs), contratos de câmbio a termo e opções cambiais, como ferramentas de proteção da margem. A antecipação de fixação cambial em momentos de dólar elevado, mesmo que o preço do café ainda não esteja atraente, pode preservar a rentabilidade da operação em cenários adversos subsequentes.

Inflação ao Consumidor e o Efeito Defasado

A volatilidade dos preços do café verde teve reflexos expressivos na inflação ao consumidor no Brasil. Entre 2020 e 2025, o café moído acumulou alta de 216,3% e o café solúvel de 85,1%, contra 39,2% do IPCA cheio no mesmo período, posicionando o café como o segundo item de maior contribuição inflacionária entre os 377 componentes do índice. O efeito sobre a demanda doméstica é mensurável: estudos de elasticidade-preço para o café no varejo estimam elasticidades da ordem de -0,2 a -0,4, indicando que, para cada 10% de aumento de preço, o consumo recua entre 2% e 4%. A boa notícia para 2026 é que a trajetória de queda dos preços internacionais, que se transmite com defasagem de alguns meses para o varejo, deverá proporcionar alívio para o consumidor e contribuir para a recuperação do consumo doméstico.

Geopolítica, logística e custos de produção

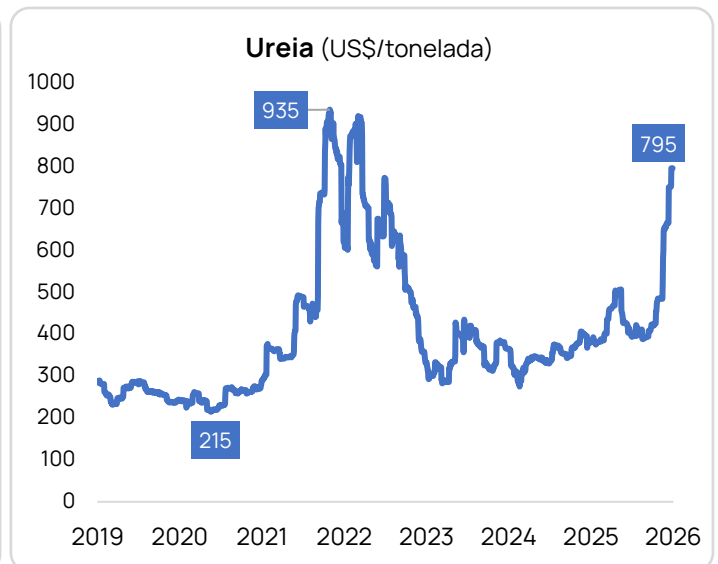
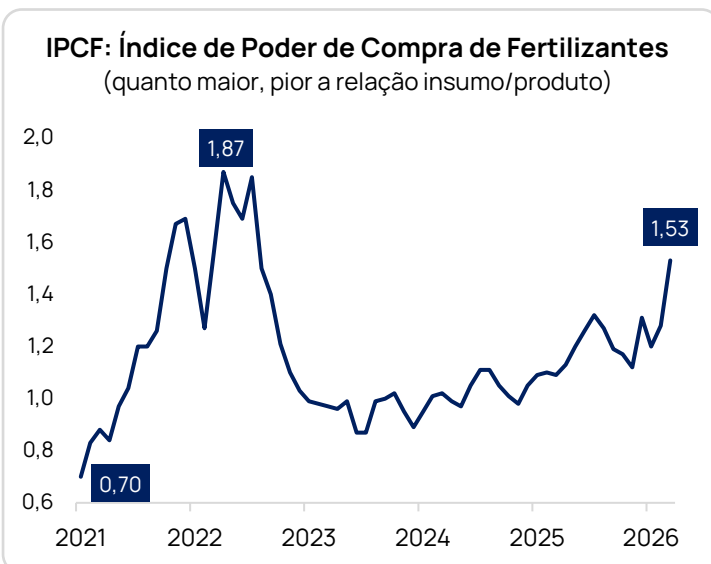
O Estreito de Ormuz e o Complexo de Commodities

O setor cafeeiro global opera em uma teia de interdependências logísticas que o conecta diretamente aos grandes eixos de comércio marítimo. As tensões no Oriente Médio - e especificamente os riscos associados ao Estreito de Ormuz, rota crítica para o fluxo de hidrocarbonetos - têm impacto sistêmico sobre o complexo de commodities: elevam o preço do petróleo, o que pressiona o custo dos fretes, dos fertilizantes nitrogenados e do diesel utilizado nas operações de colheita e transporte interno.

No plano estritamente logístico, o café apresenta vulnerabilidade adicional: a exportação envolve contratos de longo prazo de execução, o que faz com que perturbações na programação de navios e contêineres se transmitam para o mercado por meses. As companhias de navegação, ao identificarem riscos nos trajetos que dependem de portos próximos a zonas de conflito, incluem cláusulas de salvaguarda que oneram o exportador.

Fertilizantes: Um Risco Gerenciável

Os fertilizantes, especialmente NPK e ureia, representam o principal insumo do café em termos de custo variável, e o Brasil importa virtualmente 100% da ureia e expressiva parcela de outros nutrientes. Em cenários de elevação do petróleo e pressão logística, o custo desses insumos sobe. A ureia, em particular, vem sofrendo alta abrupta e acelerada como consequência direta do conflito entre EUA e Irã: o Irã é um dos maiores exportadores globais do insumo, e sua instabilidade geopolítica pressiona tanto a oferta direta quanto os custos de produção dos demais players regionais. Contudo, a análise técnica indica que o impacto dos fertilizantes na rentabilidade total da lavoura é gerenciável se contextualizado corretamente: as perdas de produtividade decorrentes da redução ou suspensão de programas nutricionais são, em magnitude, superiores à oscilação de preço dos insumos em qualquer ciclo normal. A racionalidade econômica aponta, portanto, para a manutenção dos programas de nutrição, com eventual adiantamento de compras em momentos de preço mais favorável, em vez da redução.



Fonte: Mosaicco e Investing

Demanda Global: Novos mercados e transformação

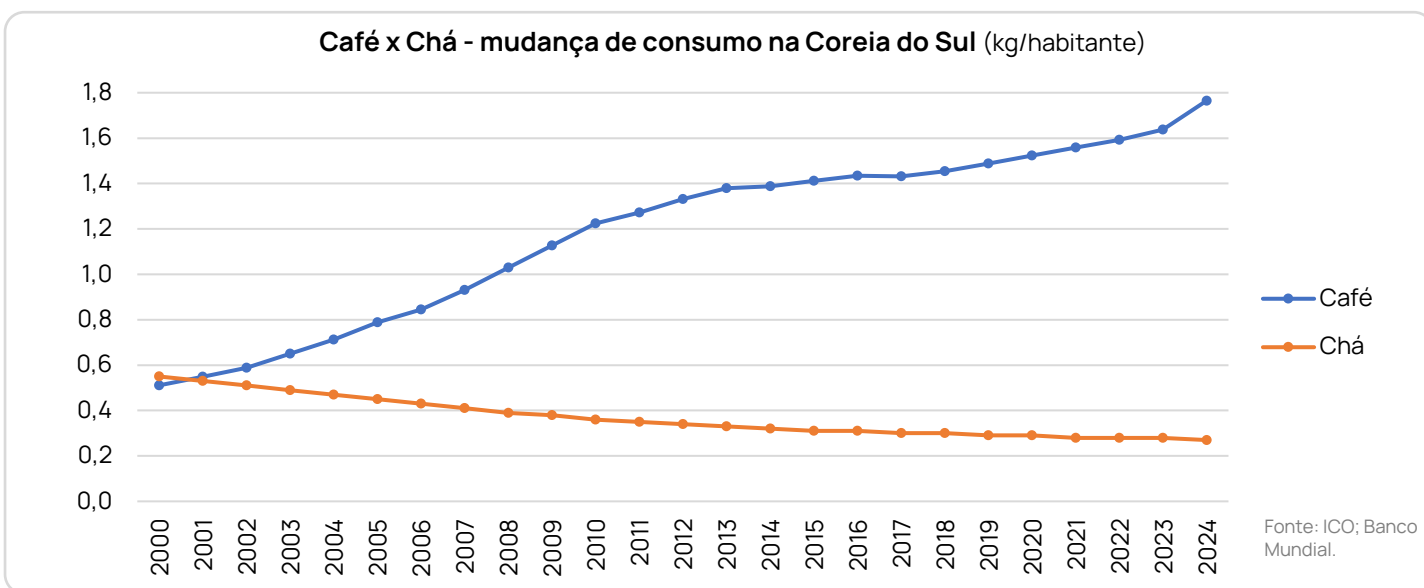
China: A Maior Oportunidade Estrutural do Setor

A participação da Ásia no consumo mundial saltou de 13% em 2002 para 24% em 2025, e o vetor dominante desse movimento é a China. As importações chinesas de café cresceram de aproximadamente 131 mil sacas em 2002 para mais de 6 milhões em 2025, taxa composta anual de 18% por mais de duas décadas. Esse número já foi mencionado no início do relatório, mas vale agora aprofundar o argumento: por que essa trajetória tende a continuar? A resposta vem de um precedente empírico muito próximo: a Coreia do Sul.

O Precedente Coreano: a Transição Já Aconteceu Antes

A Coreia do Sul era, até a década de 1990, uma das economias mais profundamente ligadas ao chá no mundo. A bebida estava enraizada na cultura, nos rituais sociais e nos hábitos cotidianos. O café existia, mas era periférico, restrito a uma elite ocidentalizada em Seul. Esse quadro mudou de forma acelerada e mensurável à medida que o PIB per capita coreano cruzou os limiares de US\$ 10.000, depois US\$ 20.000 e US\$ 30.000 em paridade de poder de compra: o café deixou de ser aspiracional e tornou-se cotidiano.

O que se observou foi uma substituição de portfólio de bebidas correlacionada com a renda, não linear, mas com aceleração em faixas específicas de PIB per capita, comportamento clássico de um bem que migra de nicho para consumo de massa. Hoje, a Coreia do Sul tem um dos maiores consumos per capita do mundo entre economias sem tradição histórica de cultivo, e suas cidades figuram entre as de maior densidade de cafeterias por habitante no planeta, superando países europeus com séculos de cultura cafeeira.

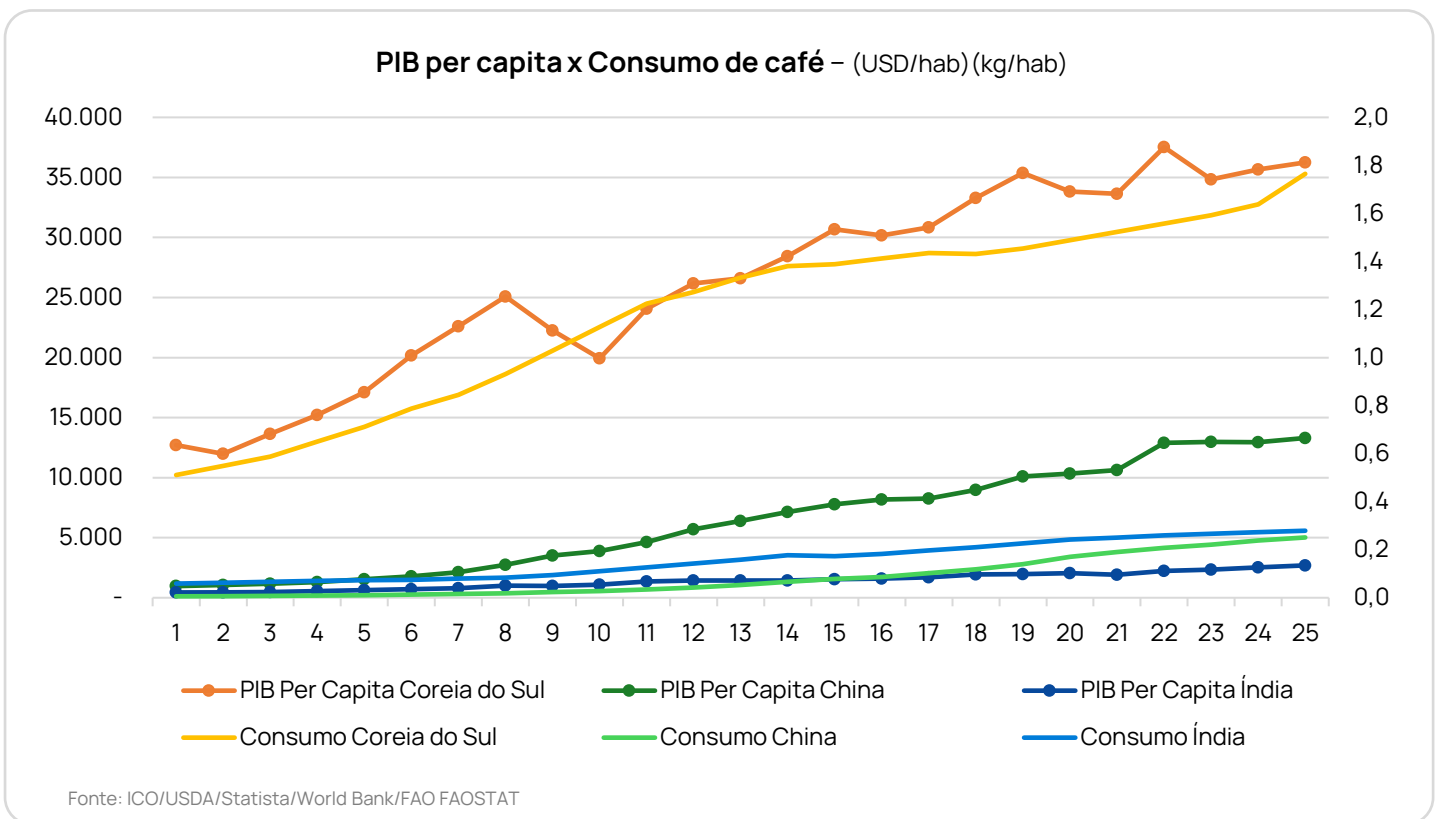


A Coreia do Sul não é um exemplo isolado, é o modelo analítico. Não porque China e Índia sejam culturalmente idênticas à Coreia, mas porque o mecanismo subjacente é o mesmo: à medida que a renda cruza determinados limiares, o café deixa de ser um bem de elite e passa a fazer parte da rotina urbana. A curva coreana documenta esse processo de forma mensurável e replicável.

China e Índia: Em que Ponto da Curva Coreana Estão?

A China atingiu em 2024 um PIB per capita de aproximadamente US\$ 23.000, nível comparável ao da Coreia do Sul no início dos anos 2000, exatamente quando o consumo coreano começou a ganhar tração mais intensa. A Índia, com PIB per capita em torno de US\$ 9.000, equivale à Coreia de meados dos anos 1990, uma geração atrás na mesma curva, com uma população quase seis vezes maior.

O modelo econométrico da Apex Partners (painel de efeitos fixos bidirecionais com 19 países e 20 anos de dados) aponta elasticidade-renda de 0,761: para cada 1% de crescimento no PIB per capita, o consumo de café per capita cresce 0,76%. Aplicado à China, com crescimento de renda projetado em 4,5–5,5% ao ano nos próximos cinco anos, o modelo implica expansão estrutural do consumo de café de 3,4–4,2% ao ano.



×46

crescimento China
2002 → 2025 em sacas
importadas

+18,0%

CAGR China
2002–2025

3,5 kg

per capita Coreia do Sul
consumo anual

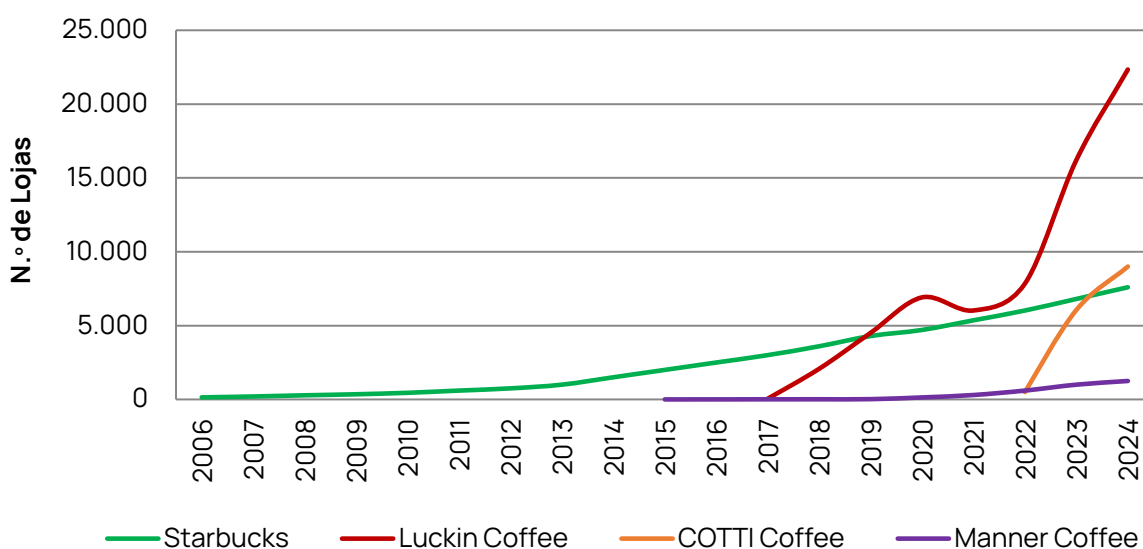
0,4 kg

per capita China
consumo anual

O Acelerador que a Coreia Não Tinha

A Coreia fez sua transição de forma orgânica, sem um ator doméstico de escala. A China está fazendo o mesmo movimento com um acelerador sem precedente: uma rede de cafeterias locais que democratizou o acesso à bebida em velocidade que os modelos baseados apenas em renda não capturam plenamente. A Luckin Coffee, fundada em 2018 com entrega via app e preço médio equivalente à metade do Starbucks, superou a rede americana em número de lojas na China em menos de dois anos. As quatro maiores redes somam mais de 39.000 pontos de venda, criando a infraestrutura física que converte consumidores ocasionais em habituais.

China - Expansão das Principais Redes de Cafeteria (2006-2024)



Fonte: FAO FAOSTAT/Starbucks Annual Reports/Luckin Coffee SEC Filings/World Coffee Portal/KR Asia

A Coreia do Sul consome hoje cerca de 3,5 kg de café per capita por ano. A China consome menos de 0,4 kg. Se a China atingir metade do patamar coreano, o incremento de demanda representa mais de 30 milhões de sacas adicionais por ano, aproximadamente 20% do consumo global atual. A transição para o café não é um fenômeno cultural improvável: a Coreia provou que é economicamente previsível, correlacionado com renda e acelerado por infraestrutura de acesso. China e Índia não precisam replicar integralmente a curva coreana para representar a maior expansão de demanda do setor nas próximas décadas. Basta que se aproximem dela.

Para o Espírito Santo, o fenômeno asiático não é apenas uma boa notícia sobre demanda, é uma oportunidade estratégica direta. O conilon capixaba é a matéria-prima preferencial do café solúvel industrializado, que domina os mercados emergentes asiáticos nesse estágio de formação de hábito em larga escala. A diversificação das exportações para a Ásia, impulsionada pelo episódio tarifário americano, aponta exatamente na direção onde o crescimento estrutural de demanda está localizado.

Resiliência da Demanda e Inelasticidade do Café

O café apresenta características que conferem à sua demanda uma resiliência acima da média dos bens alimentares: o conteúdo de cafeína cria dependência fisiológica leve a moderada que sustenta o consumo habitual; a participação do café no orçamento do consumidor é, na maior parte dos mercados, suficientemente pequena para que variações de preço no produtor se traduzam em variações limitadas no varejo; e a sofisticação crescente do mercado, com proliferação de cafés especiais, cápsulas e bebidas preparadas, cria segmentação que preserva o consumo em faixas de maior valor agregado mesmo em períodos de pressão econômica geral.

Esses fatores explicam por que o mercado global de café nunca registrou contração de consumo superior a 3,5% em um único ano, mesmo em períodos de crise econômica severa como 2008–2009. A inflação do café ao consumidor em 2024/25, que em alguns mercados atingiu os maiores patamares em décadas, chegou a desacelerar o consumo, mas não reverteu a trajetória de longo prazo.

Financiamento Agrícola e o Custo do Capital

A Transição para o Crédito Privado

Para o produtor brasileiro capturar essa expansão de demanda, contudo, o ambiente de crédito interno representa um fator limitante relevante: o financiamento da cafeicultura atravessa uma transição estrutural, com o Plano Safra, principal instrumento de crédito rural subsidiado do governo federal, enfrentando restrições crescentes de orçamento público, reflexo das pressões fiscais e da focalização em agricultores familiares e pequenos produtores. Para os médios e grandes produtores, o mercado de capitais vem preenchendo progressivamente esse vácuo por meio de dois instrumentos centrais: os Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRAs) e os Fundos de Investimento nas Cadeias Produtivas Agroindustriais (FIAGROs).

Esses instrumentos permitem que produtores e cooperativas acessem capital de investidores institucionais e de varejo de alta renda diretamente, sem intermediação bancária tradicional, e que os recursos se ancorem em recebíveis reais da cadeia produtiva. A estruturação desses títulos gerou um mercado de crédito privado agro relevante e crescente no Brasil, que tende a se ampliar à medida que o crédito subsidiado recua.

A Questão da Selic e a Competitividade do Financiamento

O maior gargalo estrutural do crédito rural brasileiro é o custo do capital. Com a Selic ao redor de 15% ao ano, o produtor brasileiro financia sua operação a um custo que excede em até cinco vezes o custo de referência de seus principais concorrentes: os produtores vietnamitas e indonésios operam em ambientes onde as taxas básicas de juros se situam entre 4% e 6% ao ano, e têm acesso a crédito governamental com taxas ainda mais baixas. Mesmo o produtor colombiano, em contexto comparativo, financia-se a custos inferiores ao brasileiro.

Essa desvantagem de custo de capital não é compensável por ganhos de produtividade no curto prazo. Em anos de preços elevados, o custo financeiro é absorvido com relativa facilidade; em ciclos de queda de preços como o atual, ele se transforma em ameaça à sobrevivência financeira de propriedades com estrutura de capital mais alavancada. A redução sustentada da Selic é, portanto, uma condição macroeconômica que transcende o setor cafeeiro, mas cujo impacto sobre a competitividade do agronegócio brasileiro é profundo e duradouro.

Perspectivas e Considerações Finais

Cenário Base: Superávit, Queda de Preços e Ajuste

O cenário base para o setor cafeeiro em 2026 é de transição de um ciclo de oferta restrita e preços elevados para um ciclo de superávit e correção de preços. Os fundamentos apontam nessa direção com relativo grau de convergência entre as principais casas de análise: a safra brasileira de 2026/27 caminha para novo recorde, Vietnã e Indonésia apresentam recuperação de volumes, e a demanda global, embora resiliente, não cresce no ritmo suficiente para absorver o incremento de oferta projetado. A StoneX estima superávit de 10 milhões de sacas para 2026, com a relação estoques/uso global recuperando para 28%, maior nível desde 2022.

As cotações internacionais tendem a continuar recuando ao longo do segundo semestre de 2026, à medida que a safra brasileira avança e os volumes chegam ao mercado. O arábica em Nova Iorque, que operou em máximas acima de US\$ 380/libra, já recuou para US\$ 293/libra em abril de 2026 e analistas de mercado avaliam que a queda ainda não encerrou seu curso. A valorização do real em relação ao dólar amplia o efeito de queda de receita em moeda doméstica para o produtor brasileiro.

Apesar do movimento de queda dos preços, os produtores capitalizados que venderam parcelas da safra em preços próximos às máximas de 2025 têm condições de atravessar o ciclo de correção com solidez financeira. O desafio é maior para quem reteve toda a produção apostando na continuidade da alta: o cenário que as lideranças do setor consistentemente alertaram ser de risco elevado.

Fatores de Risco Altistas e Baixistas

Entre os fatores que poderiam surpreender para cima destacam-se:

- Adversidade climática na segunda metade do ciclo de floração do arábica brasileiro, que poderia comprometer a estimativa de produção de 2026/27;
- Nova escalada das tensões geopolíticas no Oriente Médio, com impacto sobre fretes e custos de produção;
- Recuperação mais rápida da demanda nos mercados tradicionais, particularmente se a queda de preços se transmitir rapidamente ao consumidor final.

Os fatores que poderiam aprofundar a queda incluem:

- Materialização do superávit de 10 a 13 milhões de sacas sem obstáculos logísticos relevantes;
- Pressão adicional de fundos especulativos que acumularam posições compradas nas bolsas e agora reverterem para vendidos na perspectiva de contango;
- Normalização cambial no Brasil com Selic ainda elevada, reduzindo a proteção natural que a depreciação do real oferece ao produtor nacional.

Gestão de Risco: O Principal Diferencial do Produtor Moderno

A confluência de fatores - volatilidade de preços, risco cambial, custo de insumos dependentes de cotações internacionais e variabilidade climática - posiciona a gestão de risco como o principal diferencial competitivo do produtor cafeeiro moderno. O mercado de derivativos oferece um conjunto robusto de instrumentos para esse fim: contratos futuros nas bolsas de Nova Iorque (ICE-C) e Londres (ICE Robusta), opções de compra e venda (call e put), NDFs para proteção cambial e contratos forward no mercado físico.

A opção de compra, em particular, apresenta uma assimetria de risco-retorno favorável em momentos de indefinição de tendência: o produtor paga um prêmio para garantir um preço mínimo para sua produção futura, mas mantém a possibilidade de se beneficiar de altas adicionais caso o mercado reverta. A gestão financeira disciplinada, conhecer o custo de produção, definir margem mínima desejada e usar os instrumentos disponíveis para travar o resultado em janelas favoráveis, é o que destaca os produtores que constroem patrimônio ao longo dos ciclos. A antecipação de compra de insumos, especialmente em momentos de dólar elevado e preços de fertilizantes relativamente comportados, é outra alavanca de gestão de custo relevante.

Considerações Finais

O setor cafeeiro global atravessa 2026 em um ponto de inflexão que combina, simultaneamente, a maior perspectiva de oferta dos últimos anos e a herança de um ciclo de alta que transformou finanças de produtores, empresas exportadoras e economias regionais. O Brasil, e em particular o Espírito Santo, entra nesse ciclo em posição de força relativa: com produtividade crescente, infraestrutura industrial consolidada, mercados diversificados e competência técnica acumulada.

Os desafios são reais e devem ser endereçados com a mesma seriedade: o custo do crédito mantém o produtor brasileiro em desvantagem estrutural em relação a concorrentes asiáticos; a cobertura de seguro rural é insuficiente para o risco climático crescente; e a dependência logística de infraestruturas ainda limitadas consome parcela relevante da competitividade gerada na lavoura.

A trajetória de longo prazo do setor, contudo, permanece sólida. A demanda global de café é estruturalmente crescente, impulsionada por bilhões de novos consumidores em economias emergentes que ainda estão nos estágios iniciais da curva de adoção do consumo de café. O Brasil, com a maior área plantada, a mais avançada tecnologia de produção em larga escala e o portfólio mais diversificado de produtos do mundo cafeeiro, está excepcionalmente bem posicionado para capturar valor nesse crescimento. O ciclo de preços passará; a vantagem competitiva estrutural, se bem gerida, permanece.

